almanaque On-line
Revista Eletrônica do IPSM-MG
Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais
almanaqueonline@institutopsicanalise-mg.com.br
Ano 01 - nº 01 - julho a dezembro de 2007.

A extração do objeto *a* e a passagem ao ato[1]

Pierre Naveau[2]

> " É, portanto, como representante da representação no fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalcado, que o $, [o] S barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto a, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre." (LACAN, Escritos, p. 560)

No fundo, isso de que se trata é de conseguir ter uma idéia do modo como o sujeito chega ou não a se defender do real com o simbólico, tal como este garotinho psicótico de oito anos que queria ser o rei das crianças: "Eu não tenho o que preciso para me defender, mas eu tento me virar, inventar uns macetes". Dito de outra forma: "Eu não tenho o que é preciso para me defender do real com o simbólico, mas eu tento me virar, isto é, inventar uns macetes que me permitem evitar os maus encontros com o real." (LACAN, 2003, p.181 e 229)

Apoiando nos casos apresentados por Dalila Arpin, Normand Chabot, Daniela Fernandez, Anne-Charlotte Gauthier, Bénédicte Julien e Sandra Vasquez, a tese seguinte pode ser sustentada: na psicose, o objeto *a* não é extraido do campo da realidade. Esta não-extração do objeto *a* chama a passagem-ao-ato para que se realize, por este viés, um tipo de extração forçada.

A proposição que expressa melhor o que é a não extração do objeto a na psicose é formulada por Daniela Fernandez: "A voz, que ninguém ouve, e o olhar, que ninguém vê, existem, todavia, na experiência do sujeito psicótico."

Na frase citada em epígrafe, Lacan utiliza a noção de "campo da realidade", enquanto Freud se referia ao que ele chamava "a relação à realidade". No texto de 1924, que discorre sobre "A perda da realidade na neurose e na psicose"[3], o real é esse pedaço que é arrancado da realidade. Que se trate da neurose ou da psicose, Freud distingue dois tempos: no primeiro tempo, o sujeito neurótico tende a evitar o real e, no segundo tempo, ele escolhe o recalcamento. Ele foge. Mas o recalcamento fracassa. Em

[1] Texto em publicado na Revue da la Cause Freudienne, n.63. Paris, 1996,
[2] Pierre Naveau é psicanalista, membro da Escola da Causa Freudiana.
[3] *Cf.* FREUD, S. "La perte de la realité dans la nevrose et la psychose.", **Névrose, psychose et perversion**. Paris: PUF, 2002, p.299-303.

contrapartida, é impossível para o sujeito psicótico evitar o real. É por isso que, no primeiro tempo, ele o nega, o rejeita diz Freud, no sentido da *Verleugnung,* e no segundo tempo, ele tenta reconstruir o real assim destruido. Mas esta tentativa de reconstrução fracassa também.

Por um lado, Lacan traduz Freud avançando que a negação de que se trata na psicose não é a *Verleugnung*, mas a *Verwerfung*. Por outro lado, Lacan indica que ao primeiro tempo, que é aquele da rejeição, é articulado um segundo tempo, que é aquele do retorno no real. Em outros termos, a presença do objeto *a* no real - olhar ou voz em particular – deve ser apreendida em um movimento de retorno. Mélanie Klein tinha esta ideia do real. Ela aborda, com efeito, o objeto *a* como objeto mau, como objeto que convoca você, como objeto vingativo. É como se o real se vingasse, tomasse medidas de represália contra você.

Em seguida a Jacques-Alain Miller, nos propomos considerar que, primeiro, a realidade se constitui como desinvestida pela libido e, segundo, essa realidade só se constitui como realidade se ela é furada. Um pedaço da realidade lhe foi, com efeito, arrancado (da realidade), e é este pedaço da realidade que a libido investe.

O objeto *a* dá à realidade o seu enquadre

A fantasia dá ‘a realidade o seu enquadre, desde que o sujeito consinta em se apagar, desfalecer, em desaparecer diante do objeto.

J.A. Miller acentuou assim o laço entre a causa e o consentimento. A extração do objeto *a*, que é a causa da divisão do sujeito, supõe que o sujeito consente à barra que inscreve a marca desta divisão subjetiva. A tensão inerente à fantasia coincide com a subtração do gozo, na medida em que o objeto a é o produto da operação de separação entre o Outro e o gozo. Esta operação só funciona se a diferença significante opera no campo do gozo. Daí a proposição de que só há extração do objeto *a* se a diferença significante opera no campo do gozo.

A extração do objeto *a* pode ser aceita ou recusada pelo sujeito. Não há extração do objeto *a* quando esta extração é recusada. A psicose demostra que quando a extração do objeto *a* é recusada, este retorna no real. Mas no caso em que uma recusa foi objetada, existem dois modos de fazer com que esta extração se produza: uma é violenta e forçada, a outra é não violenta e não forçada. Como diz Dalila Arpin, há a boa maneira e há a maneira ruim.

Deste ponto de vista, podemos aproximar o caso de Dalila Arpin e o de Daniela Fernandez. Tadeus e Denis mostram, os dois, que o campo do gozo e o campo do saber coincidem. Não somente eles têm o sentimento de que todo mundo olha para eles, mas eles também têm a idéia de que todo mundo sabe, para Tadeus, que ele foi um

toxicômano e para Denis que ele foi um canalha. Nos dois casos trata-se de passar do pior ao pai. A diferença significante capaz de operar no campo do gozo é, no caso de Tadeus, mau menino/bom menino, e, no caso de Denis canalha/pai de familia. Uma guinada se produz no tratamento quando Tadeus pensa em seu filho e Denis em sua filha.

Bénédicte Julien marca bem a diferença entre as duas entrevistas que ocorreram com Darma, uma garotinha psicótica de seis anos. Na primeira entrevista, ela diz escutar barulhos e gritos, ou seja, sons não diferenciados. O gozo do Outro, resultante da não-separação entre o Outro e o gozo, corresponde à indiferenciação sonora. Na segunda entrevista, Darma isola uma sequencia de sons, *tro-tri-tra*, que faz claramente entender que, para ela, desta vez, a diferença fonemática opera no campo do gozo. Um ponto de ancoragem entre o som e o sentido constituiu-se no intervalo que separava as duas entrevistas, uma vez que ela associa ao som "*tro"* à expressão "*manger trop*" (comer demais), ao som *"tri"* o verbo "*trier"* (triar), e ao som "*tra"* a palavra *"train"*(trem). Esta garotinha psicótica diz bem que, quando isso se confunde na sua cabeça, quando a diferenciação sonora se cala, isto lhe tira a palavra.

A não-extração do objeto *a* é um empuxo à passagem-ao-ato.

Para fazer apreender isso de que se trata, recordamos uma seqüência clínica proposta pelo nosso colega brasileiro Celso Rennó Lima e que J.-A. Miller retomou. Um dia, ele faz uma visita a um paciente psicótico, do qual ele é o psiquiatra. Esse paciente, particularmente agressivo, não suporta o olhar. Ele dá em seu interloctor, todavia advertido, um murro no olho e lhe diz: " Agora, você tem um olho diferente do outro." J.-A. Miller explica que a passagem-ao-ato realizou uma extração forçada do objeto *a*. A partir do dizer do proprio paciente, o murro no olho fez entrar à força, no campo do gozo, a diferença significante. Nesta ocorrência, trata-se da diferença entre o olho direito e o olho esquerdo. A este respeito, J.-A. Miller precisa que, na psicose, a tensão da

fantasia, que liga o objeto ao sujeito, se manifesta sob a forma de um *ou bem* ... *ou bem* ...; ou seja, no caso presente, ou bem o sujeito dividido($), ou bem o objeto *a*. Essa tensão é provocada pela recusa do sujeito psicótico em consentir em se apagar diante do objeto. É por isso que o sujeito se precipita na passagem-ao-ato. O sujeito recusa que se inscreva do seu lado a barra da divisão do sujeito. Ele se esforça em inscrever a barra do lado do objeto *a*. Ele também quer com toda força *negativizar* o objeto *a* já que, precisamente, o objeto *a* está *positivado*.

O caso de Normand Chabot é proximo do caso de Celso Rennó Lima. Dominique cai de bicicleta e quebra o nariz. Sua mãe negligencia levá-lo ao hospital. Ele fica marcado. Como no caso de Daniela Fernandez e de Dalila Arpin, Dominique tem o sentimento que todo o mundo lhe olha e sabe que ele é um delinquente. Primeira tentativa de extração forçada do objeto a: ele não se separa de um amigo que, ele também, está desfigurado, mas por causa de uma queimadura no rosto. Segunda tentativa: ele se faz operar do nariz. É um fracasso. Ninguem percebe. Ele quis criar uma diferença, não entre um olho e um outro, mas entre um nariz antigo e um nariz novo.

Há várias formas de se posicionar para tentar negativizar o objeto *a* que retorna no real. O jovem homem de que fala Anne-Charlotte Gauthier tenta fazer calar a voz que se tornou, para ele, uma moça que o desafiou. Para isto, ele a derruba com uma cabeçada. Uma forma melhor de se posicionar para articular o objeto voz à diferença significante é o dialogo que ele se esforça em estabelecer entre as vozes e ele mesmo. Ele improvisa pedacinhos de textos que ele escreve em sua cabeça, mentalmente.

O caso mais terrivel de passagem-ao-ato é o que apresenta Sandra Vasquez. Sr. T. foi rejeitado por sua mãe. Ele incarna para ela o mau objeto. Ele é o mal em pessoa. Na vida do Sr. T., trata-se, mais particularmente, de duas mulheres. Sua primeira mulher vai embora com seu filho. Este filho não existe para ele, como ele mesmo não existe para sua mãe.

Sua segunda mulher traz ao mundo uma filha e um filho. Mas ela já tinha uma filha, que portanto, não era dele. Ele bate em sua enteada como bate em sua filha. Ele quer, ele diz, que elas carreguem, uma e outra, as marcas dos golpes que ele lhes dá.

Uma crise acontece quando o irmão da sua mulher lhe diz: “sua enteada não é sua filha”. Sua enteada torna-se então para ele o mau objeto, como ele mesmo o é para sua mãe. Ela é ao mesmo tempo um olhar e uma voz. Um olhar, porque ela sabe; uma

voz porque ela fala. Cada palavra que ela pronuncia significa para o Sr.T. que ela existe, que ela está lá. Isto é insuportável para ele.

Em resumo, pode se dizer que Sr.T. negativiza o mau objeto que ele foi para o Outro, negativizando o mau objeto que é para ele sua enteada. Ele a mata.

O caso do Sr.T. mostra que a extração forçada do objeto *a* adquire um contorno "realista" a partir do momento em que a passagem-ao-ato coloca em jogo um golpe que é dado no outro.

Entre bater e matar, às vezes, não há mais que um passo. O assassinato pode ser uma tentativa desesperada de fazer entrar suas palavras na garganta de alguém ou de estrangular a voz. As relações tornam-se difíceis, conseqüentemente, entre o amor e o objeto *a*, quando a falta, que comporta o objeto *a*, é recusada.

Tradução: Fernanda Otoni de Barros
Revisão: Alessandra Thomaz Rocha Beneti

Referencias bibliográficas

LACAN, J. "De Jacques Lacan à Lewis Carroll", **Ornicar?, Revue du champ Freudien**, Paris :Navarin-Seuil, nº50, 2003, p.181 e p.229.

FREUD, S. "La perte de la realité dans la nevrose et la psychose.", **Névrose, psychose et perversion**. Paris: PUF, 2002, p.299-303.